

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR
LIVRO DO PROFESSOR

Organização: Maria José Nóbrega e Renata Weffort
ISBN Livro do professor (material digital): 978-65-5795-006-7



A caixa maluca

 **Flávia Muniz**

Richmond

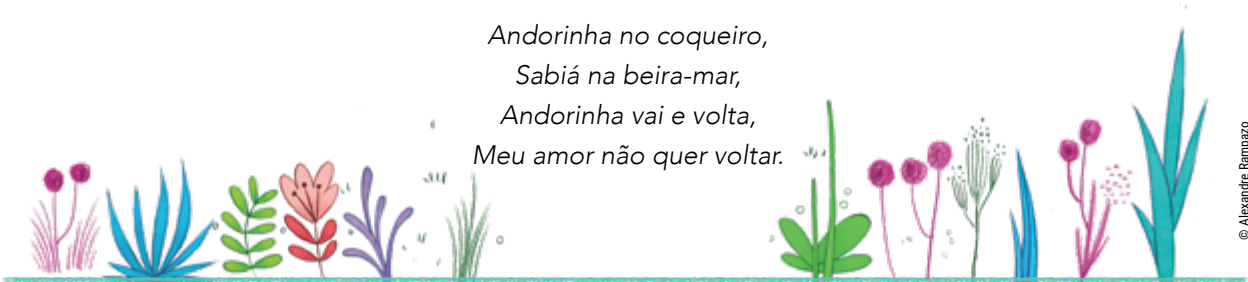


© Alexandre Rampazo

DE LEITORES E ASAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.*



© Alexandre Rampazo

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estão lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas; lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova citada anteriormente, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas parti-

ram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja essa vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff¹, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos.

As leituras promovem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

¹“Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana* (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.

Se refletirmos a respeito do último verso, “*Meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isso quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Novos projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem que ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão descrita é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois, para alguns textos, seremos sempre leitores iniciantes.





ENTRANDO NO MUNDO DA ESCRITA

RENATA WEFFORT

*Na roda do mundo
Lá vai o menino
Rodando e cantando
Seu canto de infância*

Cantiga Quase de Roda – Thiago de Mello

O acesso a boas práticas de leitura é um elemento essencial no percurso de alfabetização da criança. Inicia-se quando a criança ainda é um bebê e vivencia suas primeiras experiências com os livros e as histórias mediadas por seus familiares, cuidadores ou educadores. Esse conjunto de práticas relacionadas à linguagem que são mediadas pelos adultos, a literacia familiar, abre as portas para as crianças ao universo letrado.

Na etapa da Educação Infantil, as obras literárias, de um lado, aguçam a imaginação, a apreciação estética, a leitura de imagens, a possibilidade de se identificar com personagens e recriá-los a partir das experiências vividas e das especificidades de cada um, bem como promovem a partilha de situações de estranhamento e curiosidade perante o existente, a formulação e a resolução de problemas, a descoberta e o convívio com o outro. Ressalta-se ainda sua valiosa contribuição para a alfabetização com foco em desvendar o escrito, ao promover o desenvolvimento dos componentes essenciais para a alfabetização: consciência fonológica e fonêmica; conhecimento alfabético; desenvolvimento de vocabulário; compreensão oral de textos e produção de escrita emergente.

Para que todas essas possibilidades se concretizem, a escolha das obras que o professor lerá para a classe com a finalidade de promover uma entrada efetiva da criança no mundo da escrita traz a necessidade de favorecer a efetivação dos direitos de aprendizagem e o trabalho com os campos de experiências da BNCC.

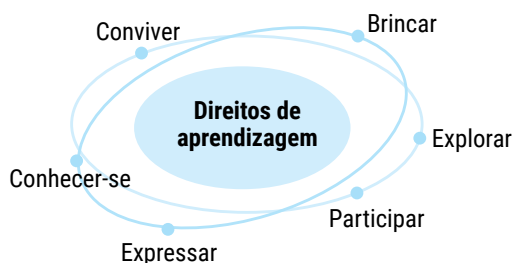
Conforme a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento devem ser garantidos às crianças de 0 a 5 anos e 11 meses: Conviver, Brincar, Explorar, Participar, Expressar e Conhecer-se. Além disso, propõe que a prática pedagógica

na Educação Infantil seja baseada em dois eixos estruturantes (interações e brincadeiras) e uma organização curricular por Campos de Experiências, com objetivos de aprendizagem e desenvolvimento por faixas etárias.

Nessa medida, como os campos de experiências são pensados de forma integrada, as obras literárias e as atividades de alfabetização não devem ser apresentadas às crianças de forma isolada, mas inseridas em experiências que as convidem a participar e a refletir sobre a leitura e a escrita de diferentes gêneros, em diferentes suportes textuais.

Desbravando o universo literário, garantindo os direitos de aprendizagem

O universo das obras literárias pode abrir as portas para a imersão da criança em experiências que garantam os direitos de aprendizagem previstos na BNCC:



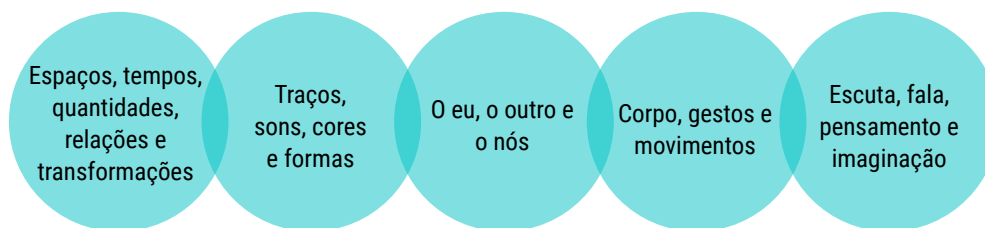
Para tanto, em linhas gerais, os objetivos pedagógicos devem considerar 1) a perspectiva da criança como sujeito de direitos, que cria e produz cultura, 2) um planejamento e a organização de práticas pedagógicas que abra espaços às suas escolhas, iniciativas e diferentes formas de agir e 3) uma mediação qualificada dos educadores que promovam situações profícuas de aprendizagens e atuem como modelos em diferentes situações.

Em termos específicos, as experiências com os livros literários garantirão os direitos de aprendizagem às crianças à medida que elas:

- **convivam** com bons modelos de leitores, aqueles apaixonados, que se encantam com a leitura e a partilha de boas histórias;
- **brinquem** de faz de conta com as personagens dos contos, construam seus próprios adereços e fantasias para representá-los, recriem as narrativas, brinquem com os jogos de palavras e com as rimas;
- **explorem** diferentes livros de gêneros textuais, autores, ilustradores, imagens, ilustrações, cores e formatos, que propiciam alegria, mistério, encantamento, reflexão;
- **participem** de diferentes situações de leitura, com diferentes finalidades, como rodas de histórias, biblioteca;
- **expressem** emoções, opiniões, medos, encantamentos, preferências e desgostos sobre as histórias;
- **conheçam-se** ao se identificarem com as características ou a trajetória das personagens, quando os enredos das histórias dão forma aos sentimentos por meio das palavras e símbolos, à medida que as histórias permitam o diálogo com a subjetividade.

Esses “direitos de aprendizagem literária”² serão contemplados na prática das escolas por meio da organização curricular baseada nos campos de experiências:

² Os “direitos de aprendizagem literários” foram idealizados com base nos direitos de aprendizagem da BNCC.



Para trabalhar com os campos de experiências, é preciso integrar as diferentes linguagens, o que requer a necessidade de intencionalidade pedagógica, planejamento e reflexão sobre a prática.

As atividades não ocorrem em uma aula destinada a um determinado campo, mas em situações de aprendizagens significativas e contextualizadas. É neste cenário que se encontram as experiências com as obras literárias. Cada uma delas representa um convite e uma oportunidade: um convite para entrar no mundo do faz de conta, brincar, divertir-se... e uma oportunidade de realizar aprendizagens e descobertas do universo letrado, dos números, das artes, das ciências...

Que critérios adotar para orientar a escolha? O que ler para as crianças?

Percorrendo a trajetória leitora na infância: critérios de escolhas de livros para as diferentes faixas etárias

O processo de construção da trajetória leitora das crianças ocorre de maneiras singulares: não há regras rígidas. Entretanto, alguns aspectos do desenvolvimento infantil, associados ao conhecimento dos gêneros literários e a uma observação atenta das crianças no cotidiano escolar da Educação Infantil, sugerem boas escolhas para diferentes faixas etárias, conforme o quadro a seguir:

Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Nessa fase, ocorre uma primeira aproximação aos textos de tradição oral; os bebês apreciam narrativas breves, contadas pelos adultos, que exploram a sonoridade, canções e parlendas.
Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Nessa etapa, encantam-se com versos rimados, contos com estrutura de acumulação e repetição, cantigas de roda e parlendas que convidam ao brincar. Gêneros sugeridos: quadrinhas, cantigas de roda, poemas, parlendas e contos de repetição.
Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)	Nesse período, demonstram interesse por textos engraçados: poemas com rimas, aliterações, repetições; contos com enredos inusitados, com estruturação de repetição e fartamente ilustrados. Gêneros sugeridos: trava-línguas, adivinhas, parlendas, quadrinhas, poemas, canções infantis, contos de repetição.

Embora essa indicação de gêneros literários por faixas etárias constitua uma boa pista para a composição dos acervos de sala ou para a escolha do que o professor vai ler e para o manuseio autônomo do livro por parte da criança, é fundamental garantir um espaço de escuta e partilha de opiniões, gostos e preferências dos alunos, que constituem um aspecto fundamental do comportamento leitor.

Sem dúvida, os gêneros sugeridos são valiosos objetos culturais e importantes aliados no processo de alfabetização dos nossos pequenos leitores!

Aprendendo a ler e a escrever: as contribuições dos livros literários para o processo de alfabetização

A convivência regular com os livros de literatura cria condições propícias para a promoção e o desenvolvimento dos componentes essenciais para a alfabetização: consciência fonológica e fonêmica; conhecimento alfabético; desenvolvimento de vocabulário; compreensão oral de textos e produção de escrita emergente.

Para que isso ocorra, algumas condições didáticas precisam estar presentes. No quadro a seguir, há sugestões de atividades de alfabetização que podem ser adaptadas a diferentes obras literárias:

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização	Sugestões de atividades baseadas em obras literárias		
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)	Crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses)
Consciência fonológica e fonêmica	<ul style="list-style-type: none"> • Participação em brincadeiras faladas ou cantadas. • Apreciação da sonoridade rítmica dos poemas. • Imitação de personagens. • Participação em brincadeiras de imitação de sons. 	<ul style="list-style-type: none"> • Memorização de cantigas, poemas, quadrinhas, parlendas etc. para poder cantar ou recitar. • Segmentação oral de palavras em sílabas. • Identificação de rimas. • Participação em brincadeiras que envolvam a percepção de fonemas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Memorização de cantigas, poemas, parlendas, quadrinhas etc. para poder cantar ou recitar. • Produção oral de novas rimas para uma palavra-fonte. • Identificação de palavras com sílabas, fonemas ou letras iguais.
Conhecimento alfabético	<ul style="list-style-type: none"> • Manuseio de livros (livros-brinquedo, livros de imagem etc.). 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação da letra inicial do nome da personagem principal, de colegas da classe etc. 	<ul style="list-style-type: none"> • Escrita do título com letras móveis. • Identificação de palavras do conto que começam ou terminam com uma determinada letra.

Desenvolvimento de vocabulário	<ul style="list-style-type: none"> • Escuta de histórias (contadas, lidas, dramatizadas etc.). • Apreciação de contos de repetição fartamente ilustrados lidos em voz alta pelo professor. 	<ul style="list-style-type: none"> • Escuta de histórias (contadas, lidas, dramatizadas etc.). • Apreciação de contos de repetição fartamente ilustrados lidos em voz alta pelo professor. • Reconto de histórias com apoio de imagens. 	<ul style="list-style-type: none"> • Escuta de histórias (contadas, lidas, dramatizadas etc.). • Apreciação de contos de repetição fartamente ilustrados lidos em voz alta pelo professor. • Reconto de histórias sem apoio de imagens. • Descrição de características aproximadas de personagens e cenas de histórias. • Recomendação de livros lidos.
Compreensão oral de textos	<ul style="list-style-type: none"> • Vivências de faz de conta, utilizando recursos variados, com a mediação de um adulto. 	<ul style="list-style-type: none"> • Narração de histórias inventadas, a partir da interação com textos literários do mesmo gênero. • Recitação de poemas, parlendas, quadrinhas etc. • Roda de conversa sobre assuntos conexos ao tema da história. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reconto de diferentes tipos de contos, variando o tom de voz para criar suspense, imitando as vozes das personagens etc. • Recitação ou leitura em voz alta de poemas, parlendas, quadrinhas etc. • Roda de conversa sobre assuntos conexos ao tema da história. • Identificação dos elementos que compõem o universo dos livros, como autor, ilustrador, capa, entre outros.
Produção de escrita emergente	<ul style="list-style-type: none"> • Manuseio de instrumentos e suportes de escrita para desenhar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de listas de personagens ou de outros elementos do conto com o professor como escriba. • Manuseio de instrumentos e suportes de escrita para desenhar e traçar sinais gráficos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção de listas de personagens ou de outros elementos do conto. • Transcrição de textos memorizados (parlenda, cantiga, quadrinha, trava-língua, poema). • Decalque de textos conhecidos (parlenda, cantiga, quadrinha, trava-língua, poema, contos de repetição). • Escrita espontânea de narrativas.

Essas são algumas sugestões entre tantas outras ideias que podem surgir da experiência de professoras e professores. Que esse quadro seja um instrumento em constante atualização e inserção de novos elementos.

Que a mediação docente, as boas escolhas literárias e as práticas pedagógicas transformem a experiência da criança com o universo letrado em aprendizagens significativas que tenham origem na interação e nas brincadeiras.

E que siga, na roda do mundo, rodando e cantando seu canto de infância!

A caixa maluca

Material elaborado por Tom Nóbrega, Maria José Nóbrega e Renata Weffort



MUITO PRAZER!

Conheça Flávia Muniz, que escreveu o livro *A caixa maluca*

Flávia Muniz nasceu em Franca, São Paulo, em setembro de 1956. Tornou-se pedagoga, coordenadora pedagógica e orientadora educacional, acumulando vários anos de experiência no trabalho junto a crianças de Educação Infantil e do Ensino Fundamental. Em 1984, lançou seu primeiro livro, *Fantasma só faz buuu!*, passando, desde então, a dedicar-se à Literatura Infantil. Em 1989, criou vários roteiros para o programa *Bambalalão*, da TV Cultura de São Paulo. Nesse mesmo ano, dois de seus livros receberam indicação para o Prêmio Jabuti de Melhor Livro Infantil: *Brincadeira de Saci* e *O tubo de cola*, sendo que o primeiro recebeu menção honrosa. Em 1991, lançou seu primeiro livro para o público juvenil – *Viajantes do Infinito* – e ganhou o Prêmio APCA de Melhor Livro Juvenil. Trabalhou treze anos na Editora Abril, criando e editando com sua equipe várias revistas de atividades, livros e revistas em quadrinhos para crianças. Tem livros publicados em diversas editoras e recebeu vários prêmios ao longo da carreira.

Leitores apaixonam-se por seus autores e ilustradores preferidos. Apresentar esses artistas às crianças é estimular um comportamento leitor.





A resenha permite que você, professor, possa antecipar a temática e o enredo, além de alguns aspectos estilísticos da obra. Com essas informações, você pode realizar uma mediação de melhor qualidade em função das possibilidades e necessidades dos alunos.

RESENHA

Dê uma espiadinha no livro *A caixa maluca*

Um dia, lá do céu, cai uma caixa no mato. O primeiro a encontrá-la é o sapo, mas logo chega toda a bicharada curiosa para saber o que há lá dentro. Cada um tem um palpite, e a mata vira uma algazarra. Até que chega o rei – o leão –, reivindicando a caixa para si. Com socos, patadas e golpes baixos, põe os bichos para correr. Aproveitando a confusão, o esperto macaco leva consigo a caixa misteriosa com a expectativa de encontrar bananas, doces, bolos. Abre o fecho. Surpresa: é uma careta de molas. Bem-feito para o macaco xereta!

A caixa maluca é uma história bem movimentada, protagonizada por divertidos animais, que prende a atenção do leitor pela curiosidade: O que será que tem na caixa? Quem ficará com ela? Além disso, os diálogos entre os personagens exploram as rimas, temperando a narrativa com ritmo e frescor. As ilustrações de Alexandre Rampazo dialogam com o texto, materializando a movimentação dos personagens. Todos esses recursos, além estimular a leitura, podem abrir uma brecha para um criativo trabalho de escrita.



QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite que você visualize dados a respeito da obra e de seu tratamento didático.

Gênero: Narrativo (conto de repetição)



















Tema: Relacionamento pessoal e desenvolvimento de sentimentos de crianças nas escolas, nas famílias e nas comunidades (urbanas e rurais)

Categoria: Creche II

Faixa etária: Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)

Especificidade de uso da obra: Para que o professor leia para crianças bem pequenas



© Alexandre Rampazzo

Campos de experiências: Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02ET07) Contar oralmente objetos, pessoas, livros etc., em contextos diversos.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Durante a leitura



As atividades propostas estimulam o leitor a confirmar ou reformular suas antecipações a respeito do conteúdo, além de apoiá-lo na construção dos sentidos do texto.

1. Antecipe que “a caixa maluca” vai ser disputada por muitos personagens. Peça aos alunos que avaliem, ao longo da leitura, os motivos que cada um vai apresentar para ficar com a caixa.

Campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EF08) Manipular textos e participar de situações de escuta para ampliar seu contato com diferentes gêneros textuais (parlendas, histórias de aventura, tirinhas, cartazes de sala, cardápios, notícias etc.).

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização: Compreensão oral de textos.

2. Sugira que verifiquem, por meio da ilustração, como reage o animal que encontrou a caixa. Alexandre Rampazo, com muito humor, caracteriza as reações do sapo – de simpatia ou de preocupação – pelo que dizem os outros animais. E o macaco? Como se comporta?

Campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos.

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização: Compreensão oral de textos.

3. Há passagens do texto em que aparecem muitas rimas (principalmente, quando falam os animais). Ao ler em voz alta para as crianças, procure realçar expressivamente essas partes.

Campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EF02) Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos.

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização: Compreensão oral de textos, consciência fonológica e fonêmica.



São propostas atividades para promover a compreensão da obra, o diálogo entre os leitores, entre a obra e outros textos, outras linguagens, propostas inspiradas no trabalho do autor ou do ilustrador, além de atividades de alfabetização.

SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Depois da leitura

...

1. Retome a lista de palpites. Afinal, quem acertou com qual animal a caixa iria ficar? Questione os alunos: Quem viu a caixa primeiro? O macaco merecia ficar com ela? Na sua opinião, quem deveria ficar com a caixa?

Campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EF01) Dialogar com crianças e adultos, expressando seus desejos, necessidades, sentimentos e opiniões.

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização: Desenvolvimento de vocabulário.

2. Proponha aos alunos que criem um outro final para a história.

- A mudança pode começar a partir da frase “Da caixa maluca não saiu banana, nem bolo, nem doce, nem bala...”, se quiserem substituir apenas o que tinha dentro da caixa.
- Pode ainda começar de “Já [o macaco], tomou cuidado. E, no meio do bafafá, pegou a caixa – todo sabido...”, se quiserem mudar também quem pegou a caixa.

Campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EF06) Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos.

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização: Produção de escrita emergente.

3. Selecione fotos dos bichos que aparecem no livro (SAPO, PAPAGAIO, TUCANO, JABUTÍ, LEÃO, PAVÃO, GATO-DO-MATO, PACA, TICO-TICO, PATO, GATO, JACARÉ, CUCO, TUCANO, GALO). Organize uma apresentação para que as crianças identifiquem os animais. Em seguida, peça que localizem a ilustração correspondente no livro *A caixa maluca*.

- Alexandre Rampazo conseguiu representá-los bem?
- Promova um sorteio e convide cada criança a tentar desenhar o animal que lhe coube.
- Organize um mural para expor os trabalhos.

Campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EF09) Manusear diferentes instrumentos e suportes de escrita para desenhar, traçar letras e outros sinais gráficos.

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização: Desenvolvimento de vocabulário.



4. Proponha à turma uma investigação sobre alguns personagens desse livro. Pergunte: Que animais participam da história? Quais deles os alunos conhecem? Que outros eles gostariam de conhecer em livros ou em *sites* na Internet? A pesquisa pode se estender para uma coleta de dados sobre cada animal, além de vídeos em que se possa escutar os sons produzidos pelos animais, como no vídeo sugerido, disponível em: <mod.lk/somcm> (acesso em: 23 jun. 2020).

Campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EF07) Manusear diferentes portadores textuais, demonstrando reconhecer seus usos sociais.

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização: Compreensão oral de textos.

5. Brinque com a classe de adivinhar os animais pela rima. Aproveite as frases do texto, como “Viu nada, seu bobão! A caixa é do rei leão!”, e proponha outras como:

- Deixem a caixa aí, ela é do _____ (jabuti, javali, siri)
- Que ninguém se amedronte, a caixa é do _____ (rinoceronte)
- A caixa tem um diamante, só pode ser do _____ (elefante)

Campos de experiências: Escuta, fala, pensamento e imaginação.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02EF02) Identificar e criar diferentes sons e reconhecer rimas e aliterações em cantigas de roda e textos poéticos.

Componentes essenciais de preparação para a alfabetização: Consciência fonológica e fonêmica; desenvolvimento de vocabulário.

6. Proponha a criação coletiva de uma caixa maluca. Para tanto, providencie uma caixa grande para que possam revesti-la com papéis coloridos, materiais de diferentes texturas, pinturas ou gravuras, de modo que ela fique bem atraente. Quando o trabalho estiver finalizado, em dias diferentes, escolha um objeto para guardar dentro dela. Deixe que uma criança, de olhos vendados, dê pistas de seu conteúdo para que seus colegas adivinhem o que é.

Por exemplo: É macio, peludo... (urso de pelúcia)

E assim por diante.

Campos de experiências: Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

Objetivo de aprendizagem e desenvolvimento: (EI02ET05) Classificar objetos, considerando determinado atributo (tamanho, peso, cor, forma etc.).





© Alexandre Rampazzo

Sugestões de outros livros, relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, para ampliar o repertório e desenvolver o comportamento leitor.

DICAS DE LEITURA

Que tal ler mais livros da mesma autora?

- *O tubo de cola*. São Paulo: Moderna.
- *Alfabeto assombrado*. São Paulo: Girassol.
- *Números assombrados*. São Paulo: Girassol.
- *Rita, não grita!* São Paulo: Melhoramentos.
- *Beto baguncinha*. São Paulo: Melhoramentos.
- *O jogo do vai e vem*. São Paulo: FTD.
- *O jogo do puxa-puxa*. São Paulo: FTD.



Que tal ler mais sobre o mesmo gênero?

- *O caso do bolinho*, de Tatiana Belinky. São Paulo: Moderna.
- *O grande rabanete*, de Tatiana Belinky. São Paulo: Moderna.
- *O sanduíche da Maricota*, de Avelino Guedes. São Paulo: Moderna.
- *Macaco Danado*, de Julia Donaldson. São Paulo: Brinque Book.
- *Pimenta no cocuruto*, de Ana Maria Machado. São Paulo: FTD.



© Alexandre Rampazzo

NO ACONCHEGO DA LEITURA

Duas casas abrem suas portas para contar como é a rotina de livros e leituras em família

Por Ricardo Chaves Prado, jornalista e editor



São duas casas de leitores e crianças. Dá para saber isso porque os livros não estão comportados e contidos em estantes, mas se espalham pela casa. Na de Maria Fernanda Silva Pinto, que é professora de Sociologia e Filosofia no Ensino Médio, moram ela e a filha Dandara, de 4 anos. Na casa do ator e músico Pedro Felício de Oliveira vivem duas crianças: Miguel, de 8, e Helena, de 5 anos. Nas duas famílias, a paixão pela leitura começou com o ritual da hora de dormir, que depois extravasaria da cama e da noite para toda a casa, a qualquer hora. Aqui eles compartilham algumas aprendizagens que tiveram, e seguem tendo, enquanto criam seus pequenos leitores.

Há uma rotina de leitura na sua casa?

M. Fernanda: Ler é algo de que eu gosto muito, faz parte do meu trabalho. Então, eu quero que o livro seja algo que esteja sempre à mão, que seja tão visível quanto os brinquedos. Na estante que temos na sala, os livros da Dandara estão nas prateleiras mais baixas. E também temos uma rotina de ler na hora de dormir desde quando ela era bebê. É a hora em que a gente consegue acalmar um pouco o peito e os pensamentos. Também é um momento de chamego, de atenção. Mais recentemente, achei importante criar novos momentos de leitura, em outras horas do dia, até para ir construindo esse processo de prestar mais atenção nas ilustrações e de observar as leituras que ela faz das histórias.

Pedro: Nós temos duas formas de leitura aqui. Uma é ler para dormir: todo dia leio para as crianças. Às vezes é um livro mais comprido, e levamos alguns dias nele. Mas também há outros momentos de leitura que acontecem sem muita programação. Pegar um livro e ler é uma atividade possível a qualquer hora, assim como brincar ou desenhar.



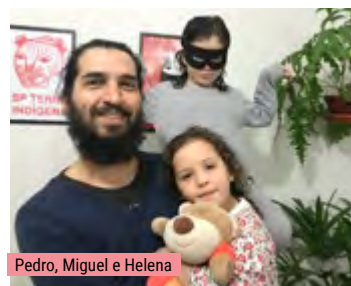
Ricardo Chaves Prado

© Olga Vlachou



Maria Fernanda e Dandara

Arquivo pessoal



Pedro, Miguel e Helena

Arquivo pessoal

Como você lida com o desejo da repetição das mesmas histórias?

M. Fernanda: Foi até por causa disso que eu resolvi introduzir outros momentos de leitura. O que fui percebendo é que na hora de dormir ela vai para esse lugar do conforto, e daí aparece mais a repetição. São os livros *Drufs*, da Eva Furnari; *Bom dia todas as cores*, da Ruth Rocha; *Pedro vira porco-espinho*, da Janaína Tokitaka; *Tombolo do Lombo*, do André Neves. Esses são os preferidos dela. Já durante o dia dá para testar mais livros.

Pedro: Eu repito muitas histórias. Minha filha Helena, especialmente, está numa fase que só quer ler as mesmas. Lembro de uma vez em que li várias vezes seguidas porque terminava e ela pedia para ler de novo, e de novo. Até que na quarta vez eu cansei e fui cozinhar. Então, ela pegou o livro e foi “lendo” a história em voz alta, repetindo as palavras, acertando algumas, outras não.

Você se lembra de algum comentário inesperado após ou durante alguma história?

Pedro: Uma vez nós lemos um livro da Eva Furnari, *Dauzinho* (que agora, em nova edição, chama-se *Daufonsinho*), uma história de contrários, de inversos. Então, na hora de dormir, o Miguel fez o seguinte comentário: “Sabe, pai, essa Eva Furnari só faz livros sobre diferença”. Eu falei: “É mesmo?”, e, então, ele passou a citar vários livros dela, como *Drufs*, *Cacoete*, *Felpe Filva*... E, de fato, todos vão nesse caminho. Aquilo me surpreendeu, primeiro pelo fato de ele identificar o estilo de um autor (no caso da Eva Furnari, ajuda o fato de ela ser, também, a ilustradora dos próprios livros, o que dá uma certa unidade) e, depois, por ele perceber um tema comum entre os livros. Então a Helena, que tinha 4 anos na época, lá da cama disse: “Menos *Assim assado*, que não é livro de diferença!”. “E *Assim assado* é livro de quê?”, eu perguntei. “De rima”, ela disse. E, de fato, é um livro de rimas! Achei esse episódio incrível, porque me mostrou como eles já se relacionavam com a obra de uma autora.

M. Fernanda: O *Drufs*, da Eva, tem um desfile de famílias de muitos formatos. Eu e o pai da Dandara tínhamos acabado de nos separar, e eu comprei esse livro, até como forma de ir inserindo esse tema no meio da leitura, porque ele tem essa mensagem de que é normal existirem várias famílias, cada uma de um jeito. Já fazia mais de um ano que o livro estava aqui, tínhamos lido várias vezes, e então eu comecei a namorar outra pessoa. E o jeito que minha filha achou de contar para o pai dela foi lembrando dos *Drufs*, porque no livro tem um garoto que faz a seguinte conta: “Ah, eu tenho dois pais, uma mãe, sete irmãos, oito avós...”, ele ia somando as famílias. E minha filha disse que agora ela também tinha dois pais, que nem os *Drufs*. Esse episódio me mostrou como os livros vão criando repertório para as crianças lidarem com as situações que surgem.

O que não fazer quando se lê para uma criança?

M. Fernanda: Querer explicar tudo. É bom deixar em aberto, não chegar com uma resposta pronta. Acho essa uma atitude filosófica diante da literatura, e também da vida, em geral. É muito mais rico quando a gente escuta as múltiplas respostas que a criança vai criando para suas dúvidas. Se eu dou uma resposta fechada, essa troca não acontece.

Pedro: O complicado de ficar explicando é que seu filho perde a possibilidade de construir essa compreensão ao longo do tempo. Tem que ter paciência, porque as crianças têm o tempo delas.

O que você aprendeu lendo com/para seus filhos?

Pedro: Reli com meus filhos livros de quando eu era criança, como *O menino maluquinho*, do Ziraldo; *Nicolau tinha uma ideia* e *Marcelo, marmelo, martelo*, ambos da Ruth Rocha. Ao relê-los, percebi como, de uma maneira insondável, essas obras me ajudaram a construir quem eu sou. Vi que eu tinha uma relação afetiva com as histórias, e até mesmo com o objeto-livro, com as ilustrações e com a forma como aquelas histórias eram contadas. É como se fosse a reverberação de uma leitura no tempo da sua vida.

M. Fernanda: Nossa, eu aprendo um monte! Principalmente, eu aprendo a desconfiar do óbvio. A gente vai ficando adulto, o mundo do trabalho toma conta da nossa vida, e vamos aceitando muitas coisas prontas, em vez de ver a novidade acontecendo, esse espaço aberto que é o mundo por conhecer. Acho que ler para minha filha me dá força para não naturalizar o dia a dia; de poder brincar com a vida, com os livros, e pensar de outros jeitos.

